

CAMPUS I FEEVALE: UMA MEMÓRIA A SER CONTADA

CAMPUS I FEEVALE: A MEMORY TO BE TOLD

Recebido em: 15 de agosto de 2019
Aprovado em: 12 de novembro de 2019
Sistema de Avaliação: Double Blind Review
RCO | a. 12 | v. 1 | p. 155-167 | jan./abr. 2020
DOI: <https://doi.org/10.25112/rco.v1i0.1698>

Maicon José Alves *maicon_alves.ev@hotmail.com*
Licenciado em História pela Universidade Feevale (Novo Hamburgo/Brasil)
Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7279777644492863>

Inês Caroline Reichert *InesRei@feevale.br*
Doutorado em Diversidade Cultural e Inclusão Social História pela Universidade Feevale (Novo Hamburgo/Brasil). Professora titular da Universidade Feevale (Novo Hamburgo/Brasil)
Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5551824226328755>

Fabricio Locatelli Ribeiro *fabriciolocatelli@yahoo.com*
Ribeiro, Licenciado em História pela Universidade Feevale (Novo Hamburgo/Brasil)
Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2298303887969819>

RESUMO

O trabalho "Campus I Feevale: uma memória a ser contada" tem como objetivo pesquisar a memória e a história desse prédio que, além de ser de grande valor histórico, teve grande representação arquitetônica na cidade de Novo Hamburgo e na região, no início do século XX, e foi utilizado ao longo de sua existência para fins educacionais, tendo sido sede do Colégio São Jacó, de 1915 a 1969, e da Universidade Feevale, em 1970, quando teve sua turma inaugural, até os dias atuais. A pesquisa está sendo desenvolvida no âmbito do projeto de ensino "Memória em Movimento" e pretende, além de constituir acervo documental sobre o tema, realizar, posteriormente, ações de Educação Patrimonial. Entendendo que a reconstrução desta memória não é apenas a do prédio, ou das instituições que ali habitaram, mas também da comunidade que ajudou a construí-lo e mantê-lo.

Palavras-chave: São Jacó. Ernst Seubert. Irmãos Maristas. Feevale.

ABSTRACT

The work "Campus I Feevale: a memory to be told", aims to search the memory and history of this building, which besides being of great historical value, had a great architectural representation in the city of Novo Hamburgo and in the region, in the and was used throughout its existence for educational purposes, having been the seat of the São Jacó College from 1915 to 1969, and of the Feevale University of 1970, when it had its inaugural class until the present day. The research is being developed within the scope of the "Memory in Motion" teaching project, and intends, besides constituting a collection of documents on the subject, to carry out, afterwards, Patrimonial Education actions. Understanding that the reconstruction of this memory is not only that of the building, or of the institutions that lived there, but also of the community that helped to build and maintain it.

Keywords: São Jacó. Ernst Seubert. Marist Brothers. Feevale.

INTRODUÇÃO

Neste presente artigo, como construtores que alicerçam e erguem um edifício para que os transeuntes que passeiam pelas ruas de uma cidade possam admirar o seu trabalho, buscamos reconstruir não somente a memória, mas acima de tudo a história de um importante patrimônio para a comunidade hamburguesa, o prédio onde hoje se situa o Campus I da Universidade Feevale, uma história centenária.

A pesquisa histórica, intitulada de “Campus I: Uma Memória a ser Contada”, está sendo desenvolvida no âmbito do projeto de ensino “Memória em movimento”¹, e se insere na perspectiva da micro-história, pois compreendemos que a análise de trajetórias contextualizadas em situações particulares contribui para compreender melhor o panorama macro. Assim, um primeiro elemento que justifica essa pesquisa é, justamente, o conhecimento sobre a história das comunidades e sua relação com a educação durante o século XX. Essa pesquisa justifica-se também pela ausência de trabalhos sistematizados sobre o tema, destacando-se que a memória e história do prédio “Campus I” não se restringem apenas às instituições que usaram as dependências do prédio para seus fins, antes, se ligam a toda uma comunidade que esteve envolvida na realização dos projetos educacionais relacionados à própria constituição de identidades locais e dos projetos de desenvolvimento levados a termo por essa comunidade.

Um dos objetivos da pesquisa é a constituição de um acervo documental composto pelas fontes históricas levantadas, principalmente os depoimentos de pessoas que, em alguma circunstância, tiveram contato ou fizeram parte da trajetória das instituições que funcionaram no prédio durante a sua existência. Integram também o acervo documental os periódicos que estavam em circulação no período, e as fotografias cedidas pelos depoentes e/ou oriundas de outros acervos. Ressaltamos que os depoimentos foram tomados utilizando a metodologia inspirada na proposta pelo CPDoc (ALBERTI, 1990), conhecida como “história oral”. Posteriormente foi realizada uma revisão bibliográfica, já que, segundo Prodanov (2013), existe a necessidade de levar em conta as fontes teóricas apuradas, para a elaboração de uma contextualização entre a pesquisa em si e o referencial teórico. A escolha teórica para a análise do processo historiográfico conta com o aporte teórico de Claudia Schemes, Cristina Ennes da

¹ O projeto de ensino Memória em Movimento é um projeto educacional voltado a desenvolver e potencializar ações de Educação Patrimonial, de forma articulada ao ensino, integrando também extensão e pesquisa. O trabalho “Campus I: uma memória a ser contada” é desenvolvido através de parcerias institucionais, como a mantida com o Laboratório de Arquitetura e História da Universidade do Vale dos Sinos (UNISINOS), que disponibilizou seu acervo documental em relação à obra do arquiteto responsável pela construção do prédio. Também conta com a participação do Centro de Documentação e Memória Luci Bridi, da Universidade Feevale, através da disponibilização de acervo, recursos humanos e posterior guarda do acervo constituído pela pesquisa.

Silva, Amarilio Ferreira Jr., Anísio Teixeira entre outros. Outro objetivo, ligado ao projeto de ensino no qual se insere, é a prática e o desenvolvimento de ações no campo da educação patrimonial, para que se possa ressignificar à comunidade o valor histórico e cultural desse prédio e da histórica ligada a ele, etapa que será realizada posteriormente.

1 MOMENTOS INICIAIS

Para uma melhor compreensão sobre a importância dessa construção para a comunidade da cidade de Novo Hamburgo, existe a necessidade de entender-se todos os pequenos movimentos que possibilitaram-na, assim apresentar os detalhes levando:

[...] em conta o papel dos indivíduos e dos pequenos grupos, com seus respectivos planos, consciências, representações (imaginário), crenças, valores, desejos. [Assim,] seria recomendável abandonar o analítico, o estrutural, a macroanálise, a explicação – ilusões cientificistas – em favor da hermenêutica, da micro-história, da valorização das interações intencionalmente dirigidas, da concepção da história como sendo narrativa e literária. (CARDOSO, 1997, p. 16-17)².

A citação acima é corroborada pela historiadora Sandra Pesavento (2000), quando essa afirma que a função dos chamados micro historiadores era acima de tudo: "... analisar situações, especificar ações individuais, acontecimentos precisos, redes capilares de relações, mas sem perder de vista a realidade mais global" (PESAVENTO, p. 214). Portanto, um primeiro aspecto a destacar na trajetória do patrimônio histórico aqui focado é que o prédio esteve, ao longo de sua história, ligado à comunidade, pois foi através de seu empenho e dedicação que se concretizou o desejo de se ter em Novo Hamburgo, em um primeiro momento, um Colégio bem estruturado, e posteriormente, uma instituição de ensino superior.

Essa história teve seu início com a construção de um prédio, erguido já para fins educacionais em 1915, em que primeiramente funcionou o Colégio São Jacó, sendo repassado em 1969 para a ASPEUR/ Associação Pro Ensino Superior em Novo Hamburgo, através de um convênio junto à Prefeitura Municipal. Com a aquisição do prédio fez-se o uso de suas dependências para a junção dos cursos superiores já existentes na cidade, como os cursos de Belas Artes, Contabilidade e Administração. Nesse sentido, para podermos falar sobre o assunto que nos levou a escrever esse artigo - e desenvolver ações específicas sobre ele, focando na Educação Patrimonial, tais como palestras e exposições sobre o projeto - precisamos antes relembrar e entender qual a importância que a educação e os processos de escolarização assumiam

² Optou-se por manter a grafia original do texto.

naquela época, para assim poder contextualizar historicamente os momentos vividos pelos depoentes e pela comunidade nas dependências do então Colégio São Jacó, que posteriormente tornar-se-ia a Universidade Feevale, "palco" de suas histórias de vida.

Durante todo o período do Império, a educação não era muito levada em consideração pelos governantes e até o seu final, com a proclamação da república, a situação não mudaria consideravelmente:

A proclamação da república no Brasil não mudou muito a situação da educação da maioria da população. A primeira constituição republicana, de 1891, fala apenas da criação de instituições de ensino superior e secundário nos Estados e diz que o ensino deveria ser leigo nas escolas públicas. O índice de analfabetismo, ainda na casa dos 80% nos primeiros anos da república atestam o descaso com a educação elementar e popular." (SCHEMES; ENNES DA SILVA, 2007, p. 23).

Para Anísio Teixeira (1977), o fracasso educacional dos primeiros anos de república pode ser quantificado em números. Por exemplo, em 1900 a população brasileira, com idade superior a 15 anos, estava na casa de 9.750.000, desse montante cerca de 3.380.000 eram alfabetizados, enquanto 6.370.000 analfabetos, ou seja, mais de 65% da população com mais de quinze anos do país eram analfabetas, sendo que o índice do Rio Grande do Sul era superior ao nacional. Portanto, apesar de todas as reformas pelas quais a educação passou no início do período republicano no Brasil, a educação no país continuou sendo excludente e elitista, assim como foi durante o período colonial e imperial.

Na realidade o governo brasileiro não demonstrava interesse em ofertar ensino para filhos de ex-escravos, brancos pobres ou de imigrantes recém-chegados (FERREIRA JR, 2010). Porém existia uma grande pressão, dos imigrantes para o estabelecimento de unidades escolares em suas comunidades. Segundo Kreutz (2000), o governo não só consentiu, como também estimulou a criação de escolas por parte dos imigrantes. Conseqüentemente, estados que abrigaram grandes ondas imigratórias, conviveram de forma pacífica com as escolas comunitárias.

Assim, no caso Riograndense, em não havendo oferta de escolas públicas para atender a necessidade da população, verificou-se que iniciativas privadas eram recorrentes já no início do século XIX, quando ocorreu uma grande disseminação das chamadas escolas confessionais e privadas por todo o estado, demonstrando a preocupação e importância que os imigrantes dedicavam à educação:

Entretanto, o início do século XIX marcou a expansão das escolas privadas e confessionais no estado e Porto Alegre já possuía três Faculdades (Medicina, Engenharia e Direito) [...] Em Novo Hamburgo, o ano de 1896 marca a criação da Comunidade Evangélica de Novo Hamburgo, hoje Escola Evangélica Osvaldo Cruz. Já a primeira escola católica da cidade foi o colégio Santa Catarina, criado em 1900 pelas irmãs da congregação de Santa Catarina. (SCHEMES; ENNES DA SILVA, 2007, p. 23).

Diante da falta de ação dos poderes públicos, tanto estadual quanto federal, em relação a instalação de uma nova escola na cidade coube a comunidade de Hamburgo Velho, local em que se encontra o prédio, unir forças para dar início a uma grande empreitada, a construção de um colégio. Para tanto, além do dinheiro para a construção do prédio, a comunidade, na figura de Jacob Kroef Filho, também doou o terreno onde posteriormente seria erguido o educandário, projetado em 1914 e inaugurado em 1915, com o nome de Colégio São Jacó. Percebe-se que a sociedade local sempre esteve intimamente ligada a história desse prédio, o que se evidencia também em um trecho do depoimento de Gastão Spor, neto de um dos idealistas do projeto, João Wendelino Hennemann, proferido na inauguração da biblioteca do Campus I:

Contava-me minha mãe que o início, propriamente dito, foi a doação de um lote de terra que hoje ocupamos, cerca de cinco hectares, foi doado pelo então latifundiário Jacob Kroef Filho para esta nova entidade. Meu avô, que era tesoureiro, tomou sua montaria e, munido de notas promissórias em branco, e avaliadas por Pedro Adams Filho e por ele próprio, partiu numa segunda-feira, percorrendo toda a nossa chamada colônia velha. Levou 15 dias e voltou com a 'guaiaca' cheia de dinheiro. Foi assim que iniciou a construção do prédio com instalações para os alunos internos. (SPOR Apud SCHEMES; ENNES DA SILVA, 2003, p. 46).

Vencida a etapa da arrecadação de fundos, deu-se início ao projeto, cujo executor da planta arquitetônica foi Ernst Seubert, arquiteto alemão recém radicado no Brasil. Seubert já era autor de diversos projetos na Alemanha, tendo o prédio do Campus I sido seu primeiro trabalho em terras brasileiras: "A primeira obra no Brasil do arquiteto, foi a construção do prédio do colégio São Jacó (hoje FEEVALE), atendendo a um convite da comissão responsável pela realização da obra" (ENGEL, 1992, p. 4). O projeto arquitetônico seguia os moldes dos colégios romanos, padronizados como os demais internatos e seminários da época, isto é, com o pátio interno e corredores voltados para esse pátio, de maneira que os padres podiam controlar e acompanhar todas as movimentações que ocorriam.

Após o término da construção do colégio, foram contratados os Irmãos Maristas³, que haviam se instalado há pouco na cidade, para que fossem os responsáveis pela parte pedagógica. A princípio, eles

³ "O Collegio São Jacob estabelecido em Hamburger-Berg [nome de Novo Hamburgo na época], por intermedio de seus legitimos representantes, contracta com os Rv. Maristas, a direcção do dito Collegio, sob as seguintes condições: A direcção technica do Collegio, tanto da escola parochial como do internato e externato compete aos Irmãos Maristas, que para talterão que se sujeitar aos estatutos do Collegio, e trabalhar de acordo com o Conselho Escolar, em cujas reuniões o Diretor terá voto deliberativo."(MORCHEL, 1990, p.37). Neste trecho do livro o autor optou por manter a grafia original do documento pesquisado.

apenas ministravam as aulas, ficando a parte administrativa a cargo de uma entidade mantenedora. Com o decorrer do tempo, em função de repetidos prejuízos, o colégio como um todo – benfeitorias e móveis – passou a ser administrado pelos maristas, que assumiram também os empréstimos realizados junto aos colonos (SCHEMES e ENNES DA SILVA, 2003, p.46). No início de suas atividades, o Colégio São Jacó tinha duas modalidades de alunos: os internos, que passavam os dias de semana dormindo na própria instituição, e os externos, que iam diariamente até suas dependências. Todos os educandos da instituição pertenciam à classe alta da sociedade.

Portanto, pode-se afirmar que a questão da educação para os imigrantes era de suma importância, pois a comunidade empreendeu imensos esforços, mesmo sem contar com a participação do estado para fornecer verbas ou enviar profissionais qualificados: “Em 1914, foi fundado, pelos irmãos maristas, o Colégio São Jacó... o que mostra como as comunidades foram fundamentais nas questões educacionais, pois as escolas municipais e estaduais foram criadas quase um século depois das confessionais.” (SCHEMES; ENNES DA SILVA, 2007, p. 23)

O Colégio oferecia três categorias de ensino - ensino primário, secundário e comercial (o que equivale ao ensino técnico hoje em dia) e para atender a essa responsabilidade, os religiosos elaboraram um currículo muito exigente, alinhado com as concepções pedagógicas da época.

No dia 30 de março de 1915, véspera de início das aulas, o jornal “A Federação”, publicava o primeiro anúncio, abrindo as matrículas.

COLLEGIO SÃO JACOB
(Hamburger-Berg)
Externato e Internato
Ensino Primario, Secundario, e Commercial

Não estando ainda o Estabelecimento completamente prompto, fica transferida a abertura das aulas para o dia 1º de abril. O ensino na escola parochial será feito em portuguez e allemão, e no Collegio em portuguez, havendo em todos os annos um curso especial de allemão, que será obrigatório. Francez, inglez e italiano serão facultativos. Matricula desde já acha-se aberta.” (MORCHEL, 1990, p. 43).⁴

Seguindo os preceitos estabelecidos por Verna Alberti (1989), ao afirmar que “[...] o sucesso da história oral dizia respeito a toda uma postura que privilegiava a recuperação do vivido conforme concebido por quem viveu [...]” (p.1), optou-se pela utilização de depoimentos, daqueles que viveram as

⁴ O autor optou por manter a grafia original do jornal usado como fonte de pesquisa.

atividades do Colégio São Jacó, ficando claro que a estrutura curricular, e suas exigências também foram questões importantes, ao ponto que essas foram enfatizadas em seus relatos:

As aulas eram assim: segundas e terças o dia inteiro, começando às 8h15min até as 11h 15min, depois começava as 13h 15min até às 16 horas. Em quartas-feiras começava às 8h 15min e ia até às 11h 30min... À tarde não tinha aula. Quintas e sextas, o mesmo horário [...] Quando chegamos na terceira série nós tínhamos inglês, francês, latim, português esses períodos. Também tínhamos História do Brasil, Geografia do Brasil, História geral, Geografia geral e noções de Trigonometria⁵

As diversas disciplinas [...] então, tinha o quarto ano e o quinto e existia a admissão para as séries ginasiais. E o currículo [tinha] história, geografia [...] francês, inglês, música, educação religiosa, além da matemática e trabalhos manuais com serrinha desenho⁶.

2 MOMENTOS CONTURBADOS

O que se passava no mundo e no Brasil, na época, era também sentido por aqueles que faziam das dependências do colégio, de uma maneira ou de outra, o local para desenvolver suas histórias de vida. O Contexto da II Guerra Mundial e a Campanha de Nacionalização empreendida pelo Governo Vargas, durante o período do Estado Novo, por exemplo, evidencia a tensão vivida dentro e fora dos muros do educandário, como podemos perceber pelo relato de um ex-aluno:

*Não se falava nada, os padres não falavam nada, nada, nada, a França tinha sido invadida pela Alemanha[...]. Ficavam quietos (os irmãos Maristas) e nem permitiam que nós falássemos. E o problema é que nós falávamos em alemão e tinha que cuidar porque tinham "brigadianos" andando em todo lugar, a cavalo e a pé, e tu não podia falar em alemão senão os bens do teu pai eram confiscados... Como era viver naquela época? No máximo de silêncio, porque senão tu eras recolhido pela Liga de Defesa Nacional ao campo de concentração que era em Charqueadas, onde hoje é o presídio de segurança máxima, lá era o campo de concentração [...]*⁷

⁵ Trecho de entrevista cedida pelo Sr. Astor Cassel, ex-aluno do Colégio São Jacó no dia 26 de junho de 2013. Nesse texto, os depoimentos orais estão grafados em itálico, para evidenciar sua oralidade.

⁶ Trecho de entrevista cedida pelo Sr. Paulo Reichert, ex-aluno do Colégio São Jacó no dia 14 de julho de 2013. Nesse texto, os depoimentos orais estão grafados em itálico, para evidenciar sua oralidade.

⁷ Idem 5.

A fala do Sr. Cassel pode ser endossada pela reportagem do dia 16 de agosto de 2009 exibida pelo jornal Correio do Povo intitulada "Rio Grande do Sul teve campos de concentração", segundo o autor do artigo, Roberto Tavares, "Em solo gaúcho houve confinamentos na Colônia Penal Agrícola Daltro Filho, em Charqueadas, e em Santa Rosa, na região Noroeste do Estado.". Ao término do conflito, as mudanças também puderam ser sentidas pelos alunos do Colégio, através das transformações sofridas pela sociedade e pelas inovações que surgiram naquele momento. "Quando terminou a guerra lentamente a gente verificou a evolução que o mundo teve desde 1936 até 1945. Por quê? Porque foram 365 invenções realizadas na Europa, o que tu imaginar foi inventado na época da guerra [...]"⁸

Durante muitos anos a estrutura, assim como a fachada, do prédio não sofreu alterações. Porém, em 1954, o São Jacó sofreria o primeiro de dois incêndios que infligiriam grandes estragos à escola (o segundo ocorreu em maio do mesmo ano). Essas tragédias causaram grande comoção junto à comunidade, que viu o fogo levar parte de uma iniciativa pela qual haviam lutado com grande empenho. O acontecimento, porém, também mostrou o espírito comunitário que havia movido a construção da escola.

Pavoroso incêndio irrompeu às 11h30min da noite de ontem e esta madrugada as chamas devoraram, inexoravelmente, $\frac{3}{4}$ partes de todo o edifício do Colégio, causando um prejuízo incalculável, realmente, talvez de 15 milhões de cruzeiros... Muitos populares auxiliaram heroicamente na salvação do que era possível salvar, sem distinção de credo, posição social ou política... Confrangia-se o coração e os olhos não podiam reter as lágrimas, até de adultos, velhos e de crianças ao contemplarem tal cena dantesca. O senhor Prefeito, o Padre Vigário, autoridades e povo, todos estavam comovidos até as lágrimas ao presenciarem tal catástrofe. Ai estava reduzido a escombros, o esforço de 40 anos, dos Irmãos e da população novo-hamburguense. Em poucas horas reduzido a escombros, ferros retorcidos e cinzas, aquilo que era o orgulho desta cidade. (Morchel, 1990, p.154)

O evento foi lembrado pelos depoentes:

17 de fevereiro de 1954 foi o primeiro incêndio, tomou conta do colégio, as aulas tiveram continuidade até que em maio do mesmo ano outro incêndio colaborou para destruição da escola... o prédio foi reconstruído e as novas dependências do colégio foram inauguradas em 1957 ele sofreu dois incêndios... Houve sim (comoção) lógico, porque o prédio não foi construído pelos maristas, ele foi construído pela comunidade e cedido para os maristas.⁹

⁸ Idem 5.

⁹ Idem 5.

A fala do depoente traz a importância, assim como a apropriação sentimental daqueles que frequentaram o prédio. Nesse sentido, no dia seguinte ao incêndio, a comunidade uniu-se novamente, e junto com os Irmãos Maristas, formaram uma comissão para que se desse início o mais rápido possível à reconstrução do colégio. A associação dos ex-estudantes do Colégio São Jacó fez uma doação para que fosse reerguido o prédio onde durante tanto tempo o conhecimento havia sido produzido. Esse fato vem se somar aos demais trechos relatados, demonstrando a importância que a escola – concretizada no prédio – sempre teve para a comunidade hamburguesa. A repercussão do incêndio pode ser medida pelo fato de que até mesmo o então Presidente da República, Getúlio Vargas, fez uma doação para que a comunidade tivesse de volta o prédio que com tanto esforço havia erguido.

Alguns deles trágicos (eventos) como os dois incêndios, na década de 50, que comoveram e abalaram toda a nossa região e sabíamos que numa visita a Novo Hamburgo, o então presidente da república, Getúlio Vargas, doou 50 mil cruzeiros para a reconstrução do prédio, que hoje aqui está. Houve inúmeras doações, subscrições, livros de ouro, quermesses, doações de firmas, etc, tendo um grande valor acumulado. Concluímos que cerca de 800 mil cruzeiros, naquela época, tinham sido doados para a comunidade e pelo Governo Federal para Novo Hamburgo e não para os irmãos maristas (SCHEMES e ENNES DA SILVA, 2003, p.47).

3 MOMENTOS DE TRANSIÇÃO

Passado alguns anos os Maristas resolveram fundar outra escola na cidade, o Colégio Pio XII, localizado na região mais central do município, para onde foi transferida a Escola Técnica de Comércio, que funcionava nas dependências do educandário desde 1942, além do Curso de Contabilidade. Com a diminuição de alunos, e com um segundo estabelecimento de ensino, a gestão financeira da escola ficou cada vez mais difícil. Foram pensadas diversas possibilidades para evitar o fechamento da escola, dentre elas, o aluguel das salas de aula para um ginásio estadual. Porém, mesmo assim depois de mais de cinco décadas, o Colégio São Jacó encerraria seus trabalhos.

O Colégio São Jacó apresentava os primeiros sinais de desgastes, após anos muito profícuos. O número de alunos diminuiu sensivelmente em 1968, o que levou os Irmãos a realizarem uma reunião no dia 3 de agosto de 1968... Entre as soluções apontadas para o problema do esvaziamento do Colégio, foi sugerido aproveitar melhor o espaço ocioso e mesmo alugar salas, nos turnos da tarde e noite para um ginásio estadual... No dia 8 de outubro... encontraram-se com alguns Deputados Estaduais de Porto Alegre, sondando a possibilidade de alugar o São Jacó para a instalação de um ginásio estadual.

Estes foram os primeiros passos dados em 1968, para encontrar uma solução para a ociosidade do prédio. (MORCHEL, 1990, p.243)

Mas o prédio pelo qual a comunidade tanto havia lutado não permaneceu ocioso por muito tempo. No ano de 1968, em um novo contexto de aquecimento na economia da cidade, também uma expansão populacional, gerou-se uma demanda em relação à oferta de cursos superiores, pois apesar do município contar com excelentes escolas de níveis primário, secundário e técnico, possuía apenas o Instituto de Belas Artes no nível superior. Novamente, através de suas lideranças comunitárias, a comunidade mostrou sua força, decidindo-se pela Fundação da Associação Pró Ensino Superior (ASPEUR), entidade criada com o propósito de projetar a instalação de uma faculdade na cidade. A tarefa dessa nova entidade, que representava a maioria da comunidade, era difícil, já que para a instalação das faculdades era necessário algum lugar com espaço físico que comportasse tal empreendimento. O prédio erguido por Ernst Seurbert foi o escolhido para essa nova finalidade educacional, e para que mais essa iniciativa fosse concretizada, a ASPEUR contou com a ajuda de uma pessoa que tinha uma boa relação com os Irmãos Maristas, o Sr. Gastão Spohr.

Para que as faculdades pudessem ser instaladas havia a necessidade de conseguir um prédio para este fim e, naquele período, as opções não eram muitas, mas uma série de fatores conjugados aventaram a compra do Colégio São Jacó, que era propriedade dos irmãos maristas que, por sua vez, tinham um relacionamento de muita afinidade com um dos membros da ASPEUR, o Sr. Gastão Spohr, que acabou se tornando o principal negociador do prédio. (SCHEMS e ENNES DA SILVA, 2003, p.45)

Com a compra do imóvel concretizada, o Instituto de Belas Artes passou a ministrar sua graduação em suas dependências, juntando-se a ele a Faculdade de Contabilidade, a Escola de Relações Públicas e a Escola de Administração, para a formação da Federação de Estabelecimentos de Ensino Superior de Novo Hamburgo. Passados vários anos daquele longínquo oito de outubro de 1968, dia em que pairou sobre esta edificação a possibilidade da desativação e abandono, a Federação de Ensino, agora com o status de Universidade, mantém vivos os corredores por onde tantos e tantos alunos passaram¹⁰.

¹⁰ O prédio abriga hoje o Campus I da Universidade Feevale, onde funcionam os cursos de Licenciatura em Artes Visuais, História, Letras, Pedagogia, Educação Física e Bacharelado em Artes Visuais, além da Escola de Aplicação Feevale.

São as histórias e memórias desses alunos, professores e lideranças comunitárias que emprestam seu “calor” aos espaços físicos desse prédio - um “senhor” centenário, que toma a figura do depositário dos esforços coletivos de uma comunidade - e que pretende-se contar através das ações promovidas pelo projeto “Memória em movimento”, uma vez que a memória pode ser considerada um dos alicerces mais importantes da vida e preserva-la permite que as gerações futuras recebam o conhecimento necessário para fortalecer o por vir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cabe salientar que esse trabalho está com sua etapa de pesquisa histórica ainda em andamento e, para as etapas seguintes, novas entrevistas estão previstas, bem como a constituição de acervo documental e fotográfico. Ressalta-se também seu caráter permanente, através de ações educacionais periódicas que buscarão ressignificar e fortalecer os laços afetivos e de pertencimento existentes entre prédio e comunidade, para que as memórias ligadas à história educacional vivida pelo patrimônio edificado focalizado nesse texto continuem “em movimento” e não sejam esquecidas pela comunidade que nele habita no presente.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **História oral**: a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas.

BUFFA, Ester; NOSELLA, Paolo. **A educação negada**: introdução ao estudo da educação brasileira contemporânea. São Paulo: Cortez, 1991.

CARDOSO, Ciro Flamarion. História e paradigmas rivais. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (Org.). **Domínios da História**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997. p. 1-23.

CASSEL, Astor. **Entrevista I**. [jun. 2013]. Entrevistador: Maicon José Alves, Fabricio Khun e Fabrício Locatelli Ribeiro. Novo Hamburgo, 2013. 1 arquivo .mp3 (60 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Centro de Documentação e Memória Luci Bride da Universidade Feevale.

CARDOSO, Renato. Rio Grande do Sul teve campos de concentração. **O Correio do Povo**. 16 de Ago. 2009. Disponível em: <<http://www.correiodopovo.com.br/jornal/A114/N320/html/61RIO9GR.htm>> Acesso em: 24 nov. 2018.

ENGEL, Daniela. **Monografia de Ernst Seubert**. 1992. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade do Vale do Rio do Sinos – UNISINOS, Rio Grande do Sul, 1992.

FERREIRA Jr., Amárico. **História da Educação Brasileira da Colônia ao século XX**. São Carlos: EduSFCar, 2010.

FERREIRA JR., Amárico; BITTAR, Marisa. Pluralidade lingüística, escola de bê-á-bá e teatro jesuítico no Brasil do século XVI. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 25, n. 86, p. 171-195, abr. 2004.

KREUTZ, Lucio. A educação de imigrantes no Brasil. p. 347-370. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes de; LOPES, Eliane Marta Teixeira; VEIGA, Cynthia Greive (Org.). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

KREUTZ, Lucio. Escolas comunitárias de Imigrantes no Brasil: instâncias de coordenação e estrutura de apoio. **Revista Brasileira de Educação**, n. 15, p. 159-176, set./dez. 2000. Disponível em: <http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE15/RBDE15_11_LUCIO_KREUTZ.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2018.

MORCHEL, Hélio. **75 anos da presença marista em Novo Hamburgo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1990.

PRODANOV, Cléber Cristiano. FREITAS, Ernâni César de. **Metodologia do trabalho científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. Feevale. Novo Hamburgo. 2013.

REICHERT, Paulo. **Entrevista I**. [jul. 2013]. Entrevistador: Maicon José Alves e Fabrício Locatelli Ribeiro. Novo Hamburgo, 2013. 1 arquivo .mp3 (60 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Centro de Documentação e Memória Luci Bride da Universidade Feevale.

SCHEMES, Cláudia; SILVA Cristina Ennes Da. **ASPEUR: Uma trajetória comunitária**. Memórias de seus colaboradores. ASSOCIAÇÃO PRÓ-ENSINO SUPERIOR em Novo Hamburgo Centro Universitário Feevale: Editora Feevale, RS, 2003.

SCHEMES, Cláudia; SILVA, Cristina Ennes Da. **Federação de Estabelecimentos de Ensino Superior em Novo Hamburgo: FEEVALE (1969 / 1999)**. Editora Feevale, 2007.

TEIXEIRA, Anísio. **Educação não é Privilégio**. 4. ed. São Paulo: Nacional, 1977.